

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG
GABRIELA THIESEN

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O RETRATO E O AUTORRETRATO POR MEIO DE
ALGUMAS OBRAS PICTÓRICAS DE FRIDA KAHLO**

CASCADEL – PARANÁ
2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ – FAG
GABRIELA THIESEN

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O RETRATO E O AUTORRETRATO POR MEIO DE
ALGUMAS OBRAS PICTÓRICAS DE FRIDA KAHLO**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, da licenciatura de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG.

Orientador: Prof. Paulo Fachin.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ – FAG
GABRIELA THIESEN

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O RETRATO E O AUTORRETRATO POR MEIO DE
ALGUMAS OBRAS PICTÓRICAS DE FRIDA KAHLO**

Trabalho apresentado ao curso de graduação em Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação do Professor Paulo Fachin, tendo sido _____, com a nota _____, na data de ____/____/_____.

BANCA EXAMINADORA

Paulo Fachin
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Doutor

Silvana Rodrigues Krefta
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Marilena Lemes Marques Salvati
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Cascavel/PR, 05 de dezembro de 2019.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O RETRATO E O AUTORRETRATO POR MEIO DE ALGUMAS OBRAS PICTÓRICAS DE FRIDA KAHLO¹

THIESEN, Gabriela²
FACHIN, Paulo³

RESUMO:

O presente artigo tem como objetivo aprofundar conhecimentos sobre o retrato e o autorretrato no âmbito social, uma vez que este vem sendo substituído pela fotografia. Considerando a era da imagem fotográfica com retratos e autorretratos, é necessário aprimorarmos nosso olhar crítico explorando imagens tanto como a pintura, assim como a fotografia, no sentido da busca do olhar para si mesmo, para expressões e sentimentos. Para isso, faz-se necessário analisar a expressão da arte de Frida Kahlo, artista, mulher mexicana e indígena que buscou retratar a si mesma, sua realidade e identidade misturada com a cultura de seu país. A metodologia deste estudo é baseada na pesquisa bibliográfica, a qual buscou conhecer a história do retrato e do autorretrato na sociedade até os dias atuais por meio dos autores Rauen e Momoli (2015), Silva e Loreto (2014) e Fachin (2017). Frida se dedicou, especialmente, a um estilo próprio nas suas composições usando traços, símbolos, mensagens e cores.

PALAVRAS-CHAVE: Retrato, autorretrato, Frida Kahlo.

CONSIDERACIONES SOBRE EL RETRATO Y EL AUTORRETRATO POR MEDIO DE ALGUNAS OBRAS PICTÓRICAS DE FRIDA KAHLO

RESUMEN:

Este trabajo tiene el objetivo de profundizar conocimientos sobre el retrato y el autorretrato en el contexto social, una vez que se está sustituyendo por la fotografía. Considerando la era de la imagen fotográfica con retratos y autorretratos, se hace muy importante mejorar nuestra mirada crítica, explotando imágenes tanto como la pintura, así como la fotografía en el sentido de la búsqueda de una mirada para sí mismo, para expresiones y sentimientos. Para eso, se hace imprescindible un análisis a la expresión del arte de Frida Kahlo, artista, mujer mexicana e indígena que buscó ilustrar a sí misma, su realidad e identidad mezclada con la cultura de su país. La metodología de este trabajo está basada en una investigación bibliográfica, la cual se hizo cargo conocer la historia del retrato y del autorretrato en la sociedad hasta nuestros días por medio de los autores Rauen y Momoli (2015), Silva y Loreto (2014) y Fachin (2017). Frida se dedicó, especialmente, a un estilo propio en sus composiciones usando trazos, símbolos, mensajes y colores.

PALABRAS CLAVE: Retrato, autorretrato, Frida Kahlo.

¹ Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG.

² Aluna do 8º período da licenciatura em Pedagogia. E-mail: gabriela.thiesen@hotmail.com.

³ Graduado em Pedagogia e Letras e Doutor em Letras. Professor do curso de graduação em Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG e orientador do trabalho. E-mail: paulo.fachin@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como foco principal fazer um estudo sobre retrato e o autorretrato presente na sociedade, por meio da análise de algumas obras da artista mexicana Frida Kahlo, visando entender a relevância deste contexto em nossa história e, também, no meio social no qual estamos inseridos.

Segundo Rauén e Momoli (2015), desde os tempos imemoriais, o homem é fascinado pela própria imagem e a de seus semelhantes, pois o retrato e o autorretrato, na antiguidade, eram considerados símbolos de status, uma expressão de realização pessoal e uma forma de assegurar um lugar na prosperidade e, além disso, era possível, ao espectador, fazer reflexões acerca da pintura por meio da observação, identificando os elementos presentes neste tipo de arte, os quais despertavam sentimentos e emoções no espectador.

Em nossa contemporaneidade, o retrato e o autorretrato, como pintura, vêm sendo substituídos pela fotografia, ocorrendo por meio da modernização e da difusão da cultura de massa, ou seja, momento histórico considerado a era da imagem fotográfica representada por retratos e autorretratos, tornando-se necessário aprimorarmos a estética do olhar, explorando imagens tanto como pintura, bem como a fotografia, no sentido da busca do olhar sobre si mesmo, como também para expressões e sentimentos. Como este aspecto não faz parte cotidianamente da sociedade, não é fácil que os indivíduos tenham um olhar mais crítico quando em contato com uma obra pictórica, por exemplo, pois a mesma divide a ausência de formação estética e da arte padrão da população. Conforme aponta Fachin (2017):

O autorretrato pode ser considerado uma confissão da intimidade de um indivíduo, uma espécie de pensamentos e imagem que o autor/pintor busca responder, principalmente, a uma questão: o que eu sou ou quem sou eu? Criando, a partir desta concepção, uma forte vinculação do retrato ou autorretrato à imagem, assentada numa epistemologia da visualização. Ao pintar seus autorretratos Frida Kahlo, revelava parte de sua intimidade, pois a tentativa era dizer quem ela era e porque veio, manifestando as angústias (física e emocional) e os sofrimentos. (FACHIN, 2017, p. 79).

Neste sentido, a pintora mexicana Frida Kahlo, uma das personagens mais marcantes da história mexicana, teve a existência marcada pela dor, pelo sofrimento e pela paixão, sentimentos refletidos em seus quadros, por meio dos quais, ficou conhecida mundialmente. Declarada, definitivamente, como comunista, revolucionária e patriota, a imagem da artista, socialmente construída, é de uma mulher engajada com a política e à frente do seu tempo, questões reafirmadas em seus retratos e autorretratos, objetos de nossa investigação.

Ao analisar as obras da artista mexicana, é possível observar como ela expressava a si em suas composições, nas quais utilizava traços, símbolos, mensagens e cores, em busca do processo de afirmação da identidade de mulher mexicana, indígena e latino-americana. Sua obra, notoriamente, rompe com os padrões estéticos tradicionais para a época e, em seu lugar, assume características e identidade de seu povo, construindo um olhar diferenciado do indivíduo por meio do retrato e autorretrato, analisando-os de forma especial em cada elemento.

2 CONCEITUANDO RETRATO E AUTORRETRATO

A palavra “retrato” é um termo vindo do latim, *retratctus*, particípio do verbo retrahere, que significa “tirar para fora”, “copiar”. O retrato é um gênero da pintura, o qual objetiva descrever um sujeito humano, expondo a identidade por meio dos elementos que são usados para produzi-lo.

Apesar de acometer muitas mudanças ao longo da história, o retrato desempenha importantíssima função no papel da história da arte, adequando-se a todas as épocas de acordo com o gosto do artista e apreciadores de arte, reinventando-se com novos aprendizados e conceitos.

Segundo Rauen e Momoli (2015), a ideia de retrato se fundamenta na descrição de um indivíduo, representando-o, pois, quanto mais semelhante, mais real será o retrato. Estando, explicitamente, ligado à pintura, visto que as habilidades técnicas determinavam as semelhanças do retratado.

Podemos caracterizar que o início do retrato se deu no século XV, quando os artistas faziam a representação do indivíduo representando seu poder, prestígio e posição social e, para isso, retratavam as vestes, objetos e símbolos, auxiliando a demonstrar os anseios da burguesia em esboçar imagens sobre a vida pública e privada.

Os retratados mantêm algo mais que a lembrança esfumada do modelo. De algum modo, eles mantêm viva sua presença: conservam e protegem sua presença viva que se percebe sempre através de seu olhar iluminado. (...) Um bom retrato é inconfundível: manifesta os traços pessoais de um determinado indivíduo, traços que não querem dizer, curiosamente, que a imagem deva necessariamente parecer fisicamente ao modelo deve, antes de tudo, evocar o modelo espiritualmente, permitindo que ele se manifeste através da obra perante os sentidos do espectador. (AZARA, 2002 *apud* RAUEN e MOMOLI, 2015, p. 13-14).

Rauen e Momoli (2015) ressaltam que, desde então, o retrato, por um longo período, abordou vários tipos de sujeitos em seus papéis na sociedade. Por meio disso, a representação fiel, da figura humana, permaneceu até o século XIX. Com a alteração do retrato envolvendo a difusão da tecnologia como a fotografia, trouxe, ao ser humano, um novo olhar para si e para o próprio cotidiano. A fotografia, por exemplo, mudou a visão das pessoas, ao evidenciar a momentaneidade e a aceleração da vida cotidiana. Este fato, imediatamente se refletiu na pintura, alterando a forma dada às obras e à própria construção da realidade na imagem representada pelos artistas.

Desta forma, o retrato pictórico foi substituído pelo uso da tecnologia fotográfica, com imagens reproduzidas em grandes quantidades de forma rápida e barata, ou seja, aquela arte perde seu devido valor, levando os indivíduos a não refletirem, de forma tão crítica, ao analisarem uma obra/imagem. Assim, Silva e Loreto (2014) nos explicam que,

Quanto mais semelhante mais real o retrato. Partindo desta afirmação podemos observar que no retrato buscou-se a representação ideal baseada na semelhança. Porém esta representação foi sendo questionada. Na modernidade, por exemplo, o retrato passou a reivindicar identidade, assumindo outras características na cena artística. A imagem produzida de maneira desordenada contribuiu para que a identidade do sujeito se tornasse cada vez mais instável e fragmentada. Desta forma ele se deparou com a multiplicidade de papéis na sociedade. Este fato fez com que a semelhança perdesse espaço nas representações do retrato atingindo também o autorretrato. (SILVA E LORETO, 2014, p. 1).

Afirmando assim, que nas novas concepções, tanto no retrato, como no autorretrato, o corpo tornou-se espaço apenas para o autoconhecimento do indivíduo, recuperando nas novas mídias e fotografias. Nestas imagens, pode-se presenciar a perda da identidade fixa do sujeito, que é construída a partir da dificuldade do reconhecimento da imagem de si em uma sociedade fragmentada. O rosto deixa de ter reconhecimento como parte da identidade do sujeito.

Conforme Rauen e Momoli (2015), o autorretrato é um subgênero do retrato, podendo ser definido como uma representação da individualidade do seu autor, o qual busca revelar as particularidades do retratado, valorizando a singularidade. O autorretrato procura caracterizar o objeto de investigação, ressaltando as particularidades, de forma a recortá-lo do contexto, isto é, o autorretrato nada mais é do que uma reflexão sobre o universo particular do autor na busca pela identidade.

A ascensão do autorretrato, no meio artístico, acontece no Renascimento, em decorrência do afastamento da realidade artística e dos preceitos religiosos. Dentro deste

contexto, levantamos um questionamento: Por que deixar a imagem gravada para o futuro? Podemos dizer que gravar para o futuro é algo do próprio artista, algo para ser registrado, lembrado, notado, observado, tanto nas características, como também ações, gestos, padrões de comportamento, sentimentos, atitudes e status.

O autorretrato era uma técnica de pintura, por meio do qual, alguns artistas utilizavam para expressar sentimentos interiores ou obscuros da realidade e dos pensamentos, utilizando, para isso, imagens de si para produzir obras de arte, olhando para as cores e texturas utilizadas, cujo principal objetivo era provocar sensações no espectador.

De acordo com Rauen e Momoli (2015), no século XIX, os modos de produção artística começam a se transformar a partir das modificações sociais e tecnológicas, o responsável por esta mudança é o advento fotográfico, o qual alterou o modo como o sujeito visualiza o mundo e a si mesmo. Por meio desta reflexão, as autoras nos esclarecem que,

A fotografia possui capacidade de reproduzir com suposta exatidão o que é visto pelo olho. Dessa forma, abre novos caminhos à pintura, cujo resultado consiste nas vanguardas modernas, representadas por artistas de variadas nacionalidades, os quais, em sua grande maioria, produziram, além de outros tipos de trabalhos, autorretratos. Tais artistas desenvolveram deformações e ênfases formais que afastavam o autorretrato da realidade física, mas serviam para demonstrar a expressividade e a singularidade do artista, valorizados na arte moderna. (RAUEN E MOMOLI, 2015, p. 8).

Os autorretratos de nossa contemporaneidade não estão preocupados com a semelhança física com a fotografia, pelo contrário, eles a ocultam, construindo outras identidades, abrindo espaço para outras vaidades, prevalecendo a ilusão das aparências e superficialidades. Neste sentido, podemos dizer que a imagem reproduzida não revela a identidade do sujeito retratado.

Entretanto, independente do meio escolhido para a produção do autorretrato, na condição de pintura ou fotografia, o indivíduo estará transmitindo dimensões físicas, cognitivas, emocionais, sociais, éticas, como também dimensões estéticas, ou seja, o autorretrato manifestando a identidade do sujeito forma uma assertiva de presença, na qual o indivíduo representa o que ele é, imagina ou idealiza ser.

Rauen e Momoli (2015) complementam que o autorretrato, na busca da identidade do sujeito, funciona como uma forma de manipulação da própria imagem, permitindo a criação de máscaras facilitadoras da vivência na sociedade. A identidade nada mais é do que um processo de criação vinculado à interioridade do sujeito, por meio de construções imaginárias, passível de alterações, reconstruções e desconstruções. Com a prática do autorretrato, podemos ir de

encontro a novas imagens de um eu que nos identifique como sujeitos, um sujeito capaz de reconhecer a própria identidade.

Neste universo do retrato e do autorretrato, Frida Kahlo buscou, por meio da arte pictórica, dar luz à vida e a cultura de seu povo, com base na visão que tinha a partir de um espelho em sua cama, pois dizia que queria pintar o que via com os próprios olhos, ou seja, algo que ela conhecia totalmente, dizendo: “Pinto a mim mesma, por que sou a pessoa que melhor conheço”. (FRIDA KAHLO, 1995, p. 14). Nas telas, Frida retratava a vida, sempre com cores fortes e traços marcantes, características únicas das obras por ela produzidas.

3 HISTÓRIA E VIDA DE FRIDA KAHLO

Segundo o Museo Frida Kahlo, no México, a artista nasceu em 06 de julho de 1910, porém, segundo documentos, ela teria nascido em 1907. Supostamente, por conta do início da Revolução Mexicana, Frida “alterou” a data de seu nascimento, pois decidiu que o México moderno e ela tivessem o mesmo ano de nascimento, 1910.

Sua vida sempre foi marcada por polêmicas que começaram desde seu batizado, pois o nome escolhido pelo seu pai não foi aceito pelo padre, sem que nele aparecesse ao menos um nome religioso. Sua mãe, Matilde Calderón, ficou apavorada ao pensar que não era possível que a filha recebesse o batismo, mas ao mesmo tempo, Guillermo Kahlo discordava que a artista não recebesse o nome de Frieda, pois esta era a única exigência do pai, um nome em língua alemã, aproximando-a de sua descendência. Batizada como Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, os primeiros dois nomes foram dados à Frida para que ela pudesse ser batizada com um nome cristão. Já, o terceiro nome, escolhido pelo pai, significa “paz” em alemão.

Aos seis anos, Frida contraiu poliomielite e passou nove meses confinada no quarto. Um médico recomendou um programa de exercícios físicos para fortalecer a mirrada perna direita, o qual nada resolvera, deixando-a com sequelas por toda vida, episódio que, mais tarde, aparecerá em suas obras.

Segundo Fachin (2017), Frida passou toda a infância em Coyoacán⁴, sendo que, parte dela, cuidada pelas meias-irmãs mais velhas (Matilde e Adriana), assim como Cristina, irmã mais nova. Ainda durante a infância, Frida não teve muitos mimos, nem a oportunidade de aproveitar em ser a irmã mais nova, pela pouca diferença de idade entre ela e Cristina, adquirindo independência e autonomia, além de esperta e inteligente.

⁴ Um bairro da cidade do México.

Frida estudou na escola maternal, preparando-se para a escola primária. Em 1922, foi aprovada num exame para ingressar na *Escuela Preparatoria Nacional*, a qual funcionava como uma sala de espera para os estudos universitários. Segundo Fachin (2017):

Este foi um momento na vida de Frida e dos mexicanos em que o país estava sendo reinventado e os estudantes participavam de forma ativa desta reinvenção. Os alunos da *Escuela Preparatoria Nacional* eram considerados “a nata” da juventude da sociedade da época, pois eram filhos e filhas de profissionais liberais do Distrito Federal e das províncias mexicanas. (FACHIN, 2017, p. 38).

Frequentar a *Preparatoria* era um privilégio pelo sinônimo de transformação pessoal e desenvolvimento do senso crítico, o qual Frida fez parte se reinventando o tempo todo por meios do diário autobiográfico e das obras artísticas.

Aos 18 anos, a vida de Frida Kahlo foi transformada por um acidente envolvendo a colisão entre um bonde e um precário ônibus de madeira, sendo este acidente o início de um período de pesadelos sem fim na vida da pintora. Assim, é possível descrever parte da existência da artista: corpo, vida e obra marcados profundamente pela dor, presente em sua existência, desde o acidente até a morte.

Conforme Fachin (2017), após o terrível acidente, a artista ficou um mês no hospital, entre a vida e a morte, e passou por inúmeras cirurgias, para "reconstruir" o corpo todo perfurado, tendo que usar, após, coletes ortopédicos. Somente em 17 de outubro de 1925, a pintora teve alta do Hospital da Cruz Vermelha. Durante seus vinte e nove anos de dor, Frida passou por mais de trinta cirurgias, sendo possível associar a posição horizontal à obra, à serenidade, ao descanso, à dor, à morte e ao amor.

A pintora manifestava o sentimento de horror que mantinha sobre o hospital, o qual descrevia parte de seu desespero nas cartas para o namorado, Alejandro, o qual foi o tema do seu primeiro autorretrato, antes que ele a abandonasse indo estudar na Europa.

Frida, ainda em período de recuperação do acidente, tentando levar uma vida com atividades e quase normal, usando muletas e, após pintar algumas das obras, procurou pelo muralista Diego Rivera, pois necessitava da opinião de um profissional, de uma opinião crítica sobre o trabalho que ela estava produzindo, pois, segundo a artista, precisava trabalhar para ganhar a vida.

Rivera foi à casa de Frida para conhecer o que ela pintava e ficou encantado, porém não conseguia identificar se o encanto era maior pelas pinturas ou por Frida. O relacionamento entre os dois ocorreu de forma muito rápida, ambos se orgulhavam por ter um ao outro como

companheiro, além de terem muitas coisas em comum, como os pensamentos e a arte, principalmente.

Ao pintar o seu segundo Autorretrato, no entanto, o primeiro após iniciar o romance com o pintor muralista, já não estava mais presente aquela Frida pálida, triste, que figurava no presente dado ao ex-namorado, Alejandro, em 1926. Conforme aponta Fachin (2017):

Durante a vida, Frida Kahlo pintou inúmeros autorretratos, pois dizia que ela era a pessoa que mais conhecia e, por conta disso, pintava-se, deixando, por meio de sua obra, um reflexo da personalidade e talvez este fosse o maior desejo: conhecer-se a si mesma. (FACHIN, 2017, p. 61).

Frida Kahlo e Diego Rivera se casaram em uma cerimônia civil no dia 21 de agosto de 1929, com a maior simplicidade e sem ostentação. Como marco de sua personalidade que era dividida em sua descendência alemã e indígena, Frida optou por usar um traje indígena em seu casamento, sendo este que ela adotaria em sua nova identidade, o uso de roupas *tehuanas*⁵, tendo como marco inicial a oficialização do seu amor com Diego.

Diego Rivera e Frida Kahlo viveram por muito tempo nos Estados Unidos e, depois de muito tempo lá, no dia 04 de julho de 1932, a artista perdeu o primeiro filho e, por conta disso, pinta a obra *Cama voadora*. Tanto em sua escrita, como na pintura Frida demonstrava o desejo em completar-se por meio da maternidade, o que não foi possível, pois sofreu vários abortos e seu sonho em ser mãe jamais fora realizado.

Segundo Fachin (2017), além deste desespero e tristeza por não poder ter filhos, Frida disse ter sido “assassinada pela vida”, ao se dar conta que Rivera mantinha um romance com a irmã mais nova da artista. Não é possível saber, ao certo, quando esse caso amoroso começou ou quando terminou, ou se terminou e recomeçou. Possivelmente, tenha sido uma forma de vingar-se de Frida por ela tê-lo “obrigado” a voltar ao México.

Além do sofrimento e do trágico que estão em evidencia em suas obras, Frida também expressava sua vida bissexual, a qual não sentira nenhuma vergonha, e era aceita por Rivera. Porém, em suas respectivas obras, o maior caso de amor era consigo mesma, após se separar de Diego, Frida pintas algumas obras que reproduzem o sentimento de solidão e vingança, por conta das traições de Rivera com outras mulheres.

⁵ O traje é originário das mulheres do istmo de Tehuantepec (Oaxaca, México), e compreende essencialmente a blusa bordada e a saia comprida. Segundo a história do istmo, as mulheres de Tehuantepec são conhecidas como imponentes, sensuais, inteligentes, corajosas e fortes. Vivem também em uma sociedade matriarcal, onde dirigem, por exemplo, o mercado local.

Em 1934, inconsciente de sua ação cortou seus cabelos bem curtos como resposta a traição de Diego com Cristina, o desejo era se vingar, destruindo aquilo que ele mais gostava nela, os cabelos. Para ela, as dores físicas e as dores do coração causadas por Rivera eram difíceis de suportar, as quais influenciaram em suas pinturas.

Após a separação, Frida e Diego casaram-se novamente, o grande amor que ela sentia pelo artista aparece em várias de suas obras. Este amor apresentava-se mutuamente conforme Diego escrevera em sua biografia.

Segundo Fachin (2017), Kahlo e Rivera permaneceram juntos até a morte da artista, que ocorreu em 13 de julho de 1954, refletindo o último desenho da pintora retratado em seu diário, um anjo negro que, possivelmente, seria o anjo da morte, que veio buscá-la e tirá-la do seu sofrimento por estar acamada, expressando o desejo da artista mexicana em partir com alegria e nunca mais voltar.

4 ANÁLISE DE ALGUMAS OBRAS DE FRIDA KAHLO

Frida Kahlo teve sua vida marcada pela dor, sofrimento, paixão, sentimentos esses que estão refletidos em retratos e autorretratos produzidos pela pintora mexicana. Os acervos deixados por ela e expostos na Casa Azul refletem de maneira evidente os interesses que a artista teve durante sua tormentosa vida: a família, o seu fascínio por Diego e os seus outros amores, o corpo acidentado e a ciência médica, os amigos e alguns inimigos, a luta política e a arte, os indígenas e o passado pré-hispânico, tudo isto revestido da grande paixão que teve pelo México e pelos mexicanos.

O *autorretrato com colar de espinhos e beija-flor* (1940) busca representar Frida em sua condição de mulher e de mártir por causa do sofrimento que a acompanhou por toda a existência e, neste retrato, ela representou a si mesma de frente a fim de realçar sua presença. Nesta obra, Frida se baseia em imagens pré-colombianas e cristãs, orgulhosa de suas raízes mestiças, uma mexicana de ascendência europeia e outra indígena. O colar de espinhos revela suas raízes e seu patriotismo, os rastos de sangue no pescoço representa a libertação do seu sofrimento. As borboletas ao redor do seu cabelo significam ressurreição.

O beija-flor pendurado em seu colar e que acompanha o desenho de suas sobrancelhas é um símbolo mexicano de sorte no amor, no entanto como se pode ver o animal está morto. O macaco diz a respeito de seus ancestrais e o gato preto presente na obra pode ser entendido como algo negativo ou ruim. Esta obra é marcada pela presença de Frida cercada de uma floresta

tropical, abordando o naturalismo. Na pintura, ela permanece intacta, firme e resistente, apesar das coisas aparentemente ruins que a cercava.



(Imagem 1: *Autorretrato con collar de espinas y colibri*, 1940)

Diferente de algumas de suas obras em que a artista buscava valorizar, principalmente, a si mesma e o que sentia, o quadro Frida Kahlo e Diego Rivera ou *Frida e Diego* (1931), simboliza o casamento dos artistas, Frida aparece vestida de forma simples e com roupas *tehuanas*, em consequência da cultura mexicana e indígena. A pintora atribuiu grande valor ao esposo expressando a imagem de uma Frida frágil, pequena e delicada ao lado de seu esposo forte e muito maior do que ela.



(Imagem 2: *Frida Kahlo y Diego Rivera o Frida y Diego*, 1931)

A pintura representava Rivera como artista, imponente, enquanto Kahlo, nesta pintura acabara de começar a pintar, se mostra uma esposa recatada, a cabeça inclinada para o novo marido, que se destaca com os atributos de sua profissão. O retrato foi pintado na bela cidade de San Francisco, Califórnia, para o amigo do casal, o senhor Albert Bender, no mês de abril do ano de 1931.

Em seu quadro *Las dos Fridas* (1939), produzido pela artista mexicana, em que revela uma Frida mais sensível, emotiva, frágil e outra mais forte, resistente e ativa, representando uma dupla identidade que estava presente nela mesma. A obra traz consigo as emoções que estavam ao redor da crise existente no seu casamento com Diego Rivera que resultou na separação do casal.

Frida expõe dois autorretratos, sendo que um deles representa a mulher mexicana que Rivera tinha amado e a outra, a Frida que o muralista não queria e não amava. Ambas estão com a mão pousada sobre o órgão sexual e o retrato de Diego em formato de óvulo parece representar a perda do grande amor, um dos abortos e a perda de um filho.



(Imagem 3: *Las dos Fridas*, 1939)

Em seu retrato *Henry Ford Hospital* ou *La cama volando* (1932), Frida aparece sobre a cama do hospital, desnuda, sendo que o lençol branco encharcado de sangue reflete sobre uma nova vida que termina antes mesmo de começar, devido aos abortos que sofrerá. No quadro, são discutidas questões relacionadas à frustração de uma gravidez muito desejada, porém interrompida, trazendo outros elementos que, unidos à mão da artista, referem-se a sexualidade. No fundo da imagem é perceptível a representação de que esses abortos ocorreram quando Frida e Diego moraram nos Estados Unidos.

Esta obra traz a reflexão acerca de que para Frida, possivelmente, após o trágico acidente de 1925, este tenha sido (o aborto) o maior sofrimento pelo qual a artista passou. Inicialmente, seu sentimento de invalidez somado à grande frustração de não poder dar à luz a um filho que a uniria, ainda mais, a Diego Rivera. A impossibilidade de ter filhos foi um trauma que Frida Kahlo nunca superou e buscou retratar em vários de seus quadros.



(Imagem 3: *Henry Ford Hospital* o *La cama volando*, 1932)

Por meio da análise de algumas obras de Frida Kahlo é perceptível a relevância do retrato e do autorretrato para a sociedade, uma vez que este leva seu espectador a uma reflexão em torno do que está sendo pintado e retratado. No caso da artista mexicana são sentimentos nítidos, em seus quadros, a dor, sofrimento, o amor por Diego Rivera, a bissexualidade, as duplas facetas entre suas origens alemãs e as origens indígenas, marcadas pela figura de uma mulher resistente, feminista e comunista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



(Imagem 5: Museu Frida Kahlo)

Dado o exposto, é perceptível que o retrato e o autorretrato sempre acompanharam o ser humano em seu desejo de registrar a sua imagem e também a sua existência.

O retrato inicialmente era utilizado pelos nobres, para demonstrar seu poder, seu prestígio e sua posição social na sociedade, para isso retratavam suas vestes, objetos e símbolos. Isso os auxiliava a demonstrar os anseios da burguesia em esboçar imagens da sua vida pública e privada como uma forma de registro.

O autorretrato é uma representação da individualidade do seu autor, onde busca revelar as particularidades do retratado valorizando sua singularidade. O autorretrato busca caracterizar seu objeto de investigação, ressaltando suas particularidades, de forma a recortá-lo do contexto. Concluindo assim que o autorretrato nada mais é do que uma reflexão sobre o universo particular do seu autor na busca por sua identidade.

Com o advento da fotografia ambos acabam sendo deixados de lado, pois é mais fácil tirar uma fotografia, do que pintar um quadro para retratar algo ou a si mesmo. Neste sentido, podemos dizer que a imagem reproduzida pela fotografia não revela a identidade do sujeito retratado. A fotografia funciona como uma forma de manipulação da sua própria imagem, permitindo a criação de máscaras que facilitam a sua vivência na sociedade. Porém, faz-se necessária a prática do retrato e do autorretrato na sociedade, pois podemos ir de encontro a novas imagens de nosso eu que nos identifiquem como cidadãos capazes de reconhecer sua própria identidade, sentimentos, sua própria cultura e o meio social no qual está inserido.

Por meio de imagens Frida Kahlo representou a si e ao outro, buscando discutir questões que faziam parte de cotidiano no contexto de um México revolucionário e moderno. Frida Kahlo dirige a beleza em torno de si, desencaixando os parâmetros estabelecidos e fazendo surgir um efeito provocativo carregado de sinceridade que reflete a própria realidade, manifestando-se em sua herança artística. Por isso a importância de analisar a artista mexicana que nas suas obras teve uma busca inalcançável de retratar a sua realidade, e a sua identidade misturada com a cultura de seu país.

Entre as inúmeras obras de Frida Kahlo é notável a busca em retratar sua identidade, sua cultura, seus sentimentos, sua vida trágica. Com isso notamos como o retrato e o autorretrato é importante na sociedade, uma vez que este representa o ser humano, sua cultura, suas crenças e tudo que o cerca, construindo assim sua identidade.

A Casa Azul se transformou no Museu Frida Kahlo, repleto de quadros de retratos e autorretratos, onde estão registrados os fatos mais importantes e marcantes da vida da artista: nascimento, casamento e morte, ou seja, o início, o meio e o fim de sua existência que pode ser

considerada o refúgio da pintora ou o seu lugar de referência, um paraíso à maneira mexicana, mas, também um lugar que une famílias e gerações, onde a história, a memória e a imagens permanecem vivas, sendo a memória um dos alicerces da história da artista e mulher, Magdalena Carmen Frieda Kahlo y Calderón.

6 REFERÊNCIAS

FACHIN, Paulo Cesar. **UMA CASA AZUL DE MEMÓRIAS: ESCRITAS DE FRIDA KAHLO**, [s. l.], p. 177, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/gabri/OneDrive/Imagens/Tese_Frida%20Kahlo_Paulo%20Fachin_UNIOESTE.pdf>. Acesso em: 19 out. 2019.

RAUEN, Roselene Maria; BRUNO MOMOLI, Daniel. **IMAGENS DE SI: O AUTORRETRATO COMO PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**, [s. l.], v. 11, 2015. Disponível em: Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/viewFile/6157/4614>. Acesso em: 28 set. 2019.

SILVA, Lucélia Gonçalves da; LORETO, Mari Lucie da Silva. **DO RETRATO E AUTORRETRATO AS TRANSFORMAÇÕES DO SUJEITO**, [s. l.], 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/gabri/Downloads/11563-39885-1-PB.pdf>. Acesso em: 14 set. 2019.